

Entrevista com José Fernando de Santana Barros



Por Carolina Henriques,¹ Recife

PR – Quem é você, Fernando Santana, e que histórias pode nos contar como pessoa, pai, avô, estudante, médico, e sobre sua escolha pela psicanálise? Queremos saber de suas conquistas até a sua idade atual. A palavra é sua.

FS – Nasci em Garanhuns, cidade do agreste meridional de Pernambuco, em 14 de maio de 1943. Cursei o primário no Colégio Diocesano de Garanhuns e no Seminário Menor São José onde iniciei também o curso ginásial. Tinha, portanto, na época, a ideia de me tornar padre. Quando completei 8 anos, nasceu minha irmã. Em 1957, meus pais vieram morar em Recife e fui transferido para o Seminário Imaculada Conceição no bairro da Várzea, lá estudei até o segundo ano clássico. Em 1960 tomei a decisão de deixar o Seminário e conclui o curso no atual Colégio Pernambucano, em 1961. Logo após, assumi o meu primeiro emprego no escritório de Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco.

Nos meus anos de seminário, pude desenvolver o gosto pela literatura (os colegas me chamavam de “o leitor”), pela música clássica, e pelo cinema. Logo aprendi que a câmera cinematográfica é o principal personagem de um filme à medida que “fala” de acordo com os ângulos em que filma e à medida que se desloca por meio de seus movimentos.

1 Membro efetivo com funções didáticas e presidente da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Mestre em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Em Recife, moramos em bairros populares, com dificuldades financeiras, pois meu pai era motorista de ônibus viajando para o interior e minha mãe bordava para ajudar na renda familiar. Apesar dessa realidade, consegui cursar medicina na Universidade Federal de Pernambuco (fevereiro de 1964 a dezembro de 1969).

Em 22 de fevereiro de 1970, me casei com Marta, a companheira que escolhi para toda a minha vida. Tivemos quatro filhas: Karla, Karina, Kátia e Karolina que me deram 6 netos. Ser pai é uma felicidade indescritível, na medida, inclusive, em que perpetuamos a família e, exercer o papel de avô é um renascimento. Lembro do quanto foi prazeroso carregar minha primeira neta nos ombros, indo atrás dos blocos carnavalescos de Olinda. Espero, ainda, que as ladeiras da “Cidade Eterna” possam me ver carregando nos ombros minha bisneta e meu bisneto. Ser bisavô é a emoção do papel de avô em dobro, um renascer em dobro.

PR – A escolha pela medicina já carregava a busca pela psicanálise? Fale um pouco sobre esse trajeto.

FS – É verdade. Desde a infância, no seminário, admirava a vida de D. Bosco dedicada à educação de jovens e adolescentes e me encantava a sua forma de conversar com os jovens, aceitando-os, buscando ajudá-los a compreender a realidade e a resolver as suas dificuldades emocionais. Ainda no seminário, conheci o Pe. Zeferino Rocha possuidor de uma habilidade especial para tratar com adolescentes. Era um psicólogo nato, uma pessoa daquelas que nos fazem pensar: “quero ser igual a ele quando crescer”. Curiosamente, Pe. Zeferino, anos depois, deixaria o sacerdócio para tornar-se psicanalista. Naquele momento, eu mesmo já havia concluído a formação psicanalítica.

Após sair do seminário, em 1960, assisti ao filme *Uma cruz à beira do abismo* com Audrey Hepburn, atriz preferida na época. Ela personificava uma freira missionária na África, trabalhando como enfermeira em hospital de uma aldeia, com condições precaríssimas. Angustiava-se e sofria terrivelmente com a pobreza e doenças daquele povo. Um médico, que com

ela trabalhava, disse-lhe certa vez, mais ou menos estas palavras: “Não se aflija irmã, a verdadeira doença dos homens é mental, o resto é subproduto”.

Pois bem, esses fatos foram decisivos na minha escolha de fazer medicina, com o intuito de ser psiquiatra. Na época, não tinha muita noção da diferença entre psiquiatria e psicanálise. A opção pela psicanálise consolidou-se quando na Faculdade de Medicina conheci e estagiei com o Dr. Paulo Sette, um psiquiatra psicodinâmico, autodidata, que me ensinou a como me aproximar dos pacientes com transtornos mentais. Tomando-me pela mão, apresentou-me ao Dr. José Lins de Almeida, recém-chegado da França, onde fizera formação psicanalítica. Passei a frequentar seu grupo de estudos psicanalíticos e a trabalhar com ele em psicodrama no ambulatório de Psiquiatria do Hospital Universitário D. Pedro II. Participavam desse trabalho, entre outros, o Dr. Jurandir Freire Costa, Edilnete Siqueira, Aguinaldo Cordeiro e Luís Maia. Foi, sem dúvida, uma experiência muito enriquecedora.

Tornei-me amigo de Lins e, certo dia, convidou-me para um jantar na sua casa, com a presença do Presidente e Vice-Presidente da IPA, Lébovici e Vidlocher, respectivamente. Conversamos sobre a possibilidade de criar em Recife uma Sociedade Psicanalítica. Lébovici encampou a ideia e influenciou o Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise para viabilizar aquele projeto.

A ABP criou o Núcleo Psicanalítico do Recife, onde originaram-se as primeiras turmas de análises didáticas em 1975 e os cursos teóricos e clínicos em 1977. Participei da primeira turma do referido Núcleo iniciando, assim, o exercício da psicanálise.

PR – Você tem histórias de um período em Porto Alegre, na tentativa de ingressar na Clínica Pinel. Um dia ouvi de você, algo a respeito, que chamou a atenção, agora estou curiosa que possa contar daquele momento para todos.

FS – Na verdade, minha passagem pela Pinel foi meteórica. Quando estava concluindo o sexto ano do curso médico (1969) decidi fazer residência naquela Clínica que, na época, era muito bem conceituada, sendo talvez a melhor residência de psiquiatria no Brasil. Viajei de ônibus Recife/Porto

Alegre, aproximadamente 96 horas. No dia seguinte à minha chegada, apresentei-me na Pinel. O médico que me recebeu, ficou olhando para mim... e eu olhando para ele... ele olhando para mim... Quando percebi que não falaria, imaginei que deveria ser o grande psicanalista Marcelo Blaya, tomei a iniciativa e disse a que viera. Ele perguntou apenas: “onde parastes?” Onde parei? Ele percebeu que eu não entendera o gauchês, o que queria saber era onde eu estava hospedado. Ah! “Estou na casa do tio de minha noiva”. Era um sábado, ele me orientou a comparecer na segunda-feira a uma das clínicas da Pinel onde deveria passar toda a semana, convivendo com os pacientes internados e residentes, possivelmente orientados a não nos dar qualquer informação a respeito do que deveríamos fazer ou falar. No final da semana éramos entrevistados pelos Drs. David Zimmermann e Marcelo Blaya, quando então fiquei sabendo que o médico que me recebera com aquela “postura e fantasia” de analista era um residente do segundo ano. Nas entrevistas disse que pretendia ir para Porto Alegre já casado. Creio que isso foi crucial para que não ficasse na residência, pois dos residentes era exigido tempo integral e um salário talvez insuficiente para sustentar uma família. Essa orientação certamente mudou, pois alguns anos depois outros colegas casados foram aceitos. Muitos anos depois, conversando com David Zimmermann, disse-lhe que havia sido entrevistado por ele na Pinel. Nessa ocasião, mencionou que não recordava daquele encontro, mas pelo que estava me conhecendo não sabia explicar por que eu não fora aceito para a residência.

PR – Fernando, em que momento de sua vida, você despertou para entrar na IPA? Quais as principais heranças que influenciaram sua entrada?

FS – Ser membro analista da IPA é uma escolha decorrente da sociedade em que optamos fazer a formação psicanalítica. Essa decisão parece-me motivada muito mais por laços afetivos do que por preferências relacionadas a escolas teóricas. No meu caso, comecei a estudar psicanálise com José Lins. Logo nos tornamos amigos e sonhamos juntos em fundar uma sociedade em Recife que fosse filiada à IPA. Assim todos os seus membros tornaram-se automaticamente filiados dessa instituição.

PR – Seu percurso como psicanalista tem nos mostrado um investimento contínuo e incansável nas várias funções já ocupadas até o momento por você. Já passou pela presidência da Associação Brasileira de Psicanálise, atual Febrapsi. Qual foi o ano em que ocupou o cargo e, como nos falaria a respeito daquele lugar, de presidir a ABP.

FS – Fui presidente da SPR (Sociedade Psicanalítica do Recife) em várias gestões e, ao mesmo tempo, fazia parte da Diretoria da ABP/Febrapsi. Assumi o cargo de Diretor do Conselho Profissional dessa entidade em duas gestões sucessivas, depois fui secretário e, eleito presidente para o biênio 2001-2003. Em 1995, quando diretor do Conselho Profissional, a ABP trouxe o 15º Congresso Brasileiro de Psicanálise para o Recife. Em 2003, novamente realizamos em Recife o 19º Congresso Brasileiro. Nossa gestão teve como lema continuar trabalhando para fortalecer a ideia de que a ABP é uma federada. Criamos o projeto de Intercâmbio Científico, uma valorização dos analistas brasileiros objetivando torná-los conhecidos e reconhecidos nas Sociedades filiadas.

Finalmente, ter sido presidente da ABP/Febrapsi foi uma experiência de aprendizado muito significativa na minha vida pessoal e profissional. Além do mais, ter sido o primeiro nordestino a exercer esse cargo foi, sem dúvida, um grande privilégio e uma imensa responsabilidade.

PR – Fernando, oportunamente, no momento desta entrevista, estamos atravessando um período obscuro, com uma pandemia que assola o mundo, ceifando muitas vidas. O nosso país atravessa um tempo muito sombrio, são hoje 550.000 mortes por covid-19. É alarmante o número de vidas perdidas, desemprego, fome e outras tragédias mais. Como você vê a influência da psicanálise neste momento? O trabalho online do psicanalista tem contribuído ou prejudicado esse sofrimento?

FS – De fato, vivemos um tempo difícil, passando por uma crise sociopolítica em que a pandemia descerra o véu que a encobria. Parece ter ficado mais clara a desigualdade social alimentada pela inexistência de uma política governamental de combate a essa realidade, fortalecida pelo neoliberalismo vigente, e sobretudo pela ausência de uma política de

saúde pública consequente, voltada para a qualidade de vida das classes menos favorecidas.

Acreditamos que uma sociedade deva priorizar o equilíbrio e estrutura digna dos recursos públicos, mas essa perspectiva de justiça social está sendo substituída por aquilo que nos anos 1970 Stanilaw Ponte Preta chamava de “o festival de besteiras que assola o país”.

Devido ao isolamento e distanciamento social exigido pela pandemia, buscamos no atendimento online uma forma de continuar atendendo nossos clientes que, apesar de não ser o melhor modo de fazer isso, nos proporcionou a possibilidade de continuar ajudando-os da melhor forma possível, inclusive em suas angústias e agruras provocadas por aquele isolamento forçado. Desta forma, creio que o atendimento online foi benéfico e não vejo como poderia ser diferente. Percebo, ainda, como essa forma de atendimento poderia nos engajar em projetos sociais, ampliando nosso raio de ação, alertando as autoridades sobre a necessidade de uma política de saúde pública, e nos fazendo ver que a psicanálise tem a vocação de ser uma ciência geral da psique.